

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O Céu e a Terra na Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

PINA, Luís de

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

PINA, Luís de, O Céu e a Terra na vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. *Revista de Guimarães*, 66 (3-4) Jul.-Dez. 1956, p. 359-406.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Céu e a Terra na vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires (*)

PELO PROF. DR. LUÍS DE PINA
da Universidade do Porto

Ardere et lucere

Noite cerrada de um Janeiro frio de há quatro séculos. Nove horas, em silêncio e solidão dentro e fora deste Paço bracarense. Dos lados da Sé, apenas retoa o pio dos mochos e das corujas que se aninham por frestas dos campanários e grimpas das naves, cuja silhueta ressalta no mole painel do Céu, em que se enrodilha o negrume das nuvens para as bandas de Ferreiros e Maximinos.

Depois, um plangente dobre de campas de S. João do Souto, ao Senhor-Fora, ouve-se para lá das hortas e jardins do Paço do Prelado de Braga. Na rua, de vez em quando, o apressado cavalgar de mercadores tardios, entre o uivo dos cães açulados e o praguejo de almocreves que se acolhem do vento e do frio nos umbrais das tendas de negócio, no rossio de trás da Catedral.

A chuva pegou de cair, em cordas grossas e pesadas, batida e rebatida do setentrião que zoa tenebroso no arvoredado, baloiçante e tremente, junto do Palácio do Senhor Arcebispo Primaz. Coches de fidalgos rolam, vagarosos, aos sacões e tropeços no lajedo da calçada, que é toda um caudal de águas céleres e sujas.

(*) Conferência integrada nas comemorações bartolomeianas e proferida no Salão Nobre da Biblioteca Pública de Braga, em 17 de Dezembro de 1955.

Noite de Janeiro, medonha de sombras e de pavores. Não há luzes na rua e, nas gelosias, mal se vislumbra o bruxuleio de raras tochas e candeias. Aqui, o Paço gótico e renascentista é um casarão negro, informe, fechado e triste. Das chaminés não ascende cintilação de faúlha ou laivo de fumo, extinto já, na lareira tépida, o lume que cozera o minguaço jantar dos senhores da casa.

Ali, na fachada que dá para a horta, a um canto sombrio, o vitral baço de um postigo alto coa a palidez de uma luz que mal se loriga na molhada escuridão do muro.

Lá dentro, cela descómoda, envasada na rudeza do granito, a ressudar água. Num canto, sobre dois bancos de pau, três tábuas de tarima, um colchão de palha grossa sob duas mantas de felpo, sem alvura de lençois ou ramagem de coberta. À cabeceira, em tripeça baixa, uma grande escudela com água e pregado no respaldo do catre, ao alto, um painel com as letras S. B.

Ao deslado, defronte do postigo, uma escrivainha rústica, em que se emparceiram um tinteiro de ferro e um candeiro de latão, a arder, fumarento e trémulo.

Aberto, o livro de Ofício, entre folhas de papel e penas de escrever, entremeados de catecismos e evangeliários, de encontro a um Crucifixo de pau.

Arrimados à parede da Câmara, grossas estantes de pinho, bambas de livros; entre elas, um retábulo de Nossa Senhora.

E nem um tapete, um pano, um docel em parte alguma: a cela é de frade, como cela de presidiário (1).

Diante do Crucifixo, ajoelhada, avulta a pessoa de um homem, as grandes mãos esguias alçadas para o Senhor.

(1) Assentamos as informações biográficas nas páginas que Frei Luís de Sousa escreveu com o título *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*, terminada em 1619 (segui-mos a edição de 1946-1948, com prefácio e notas de Augusto Reis Machado. Lisboa).

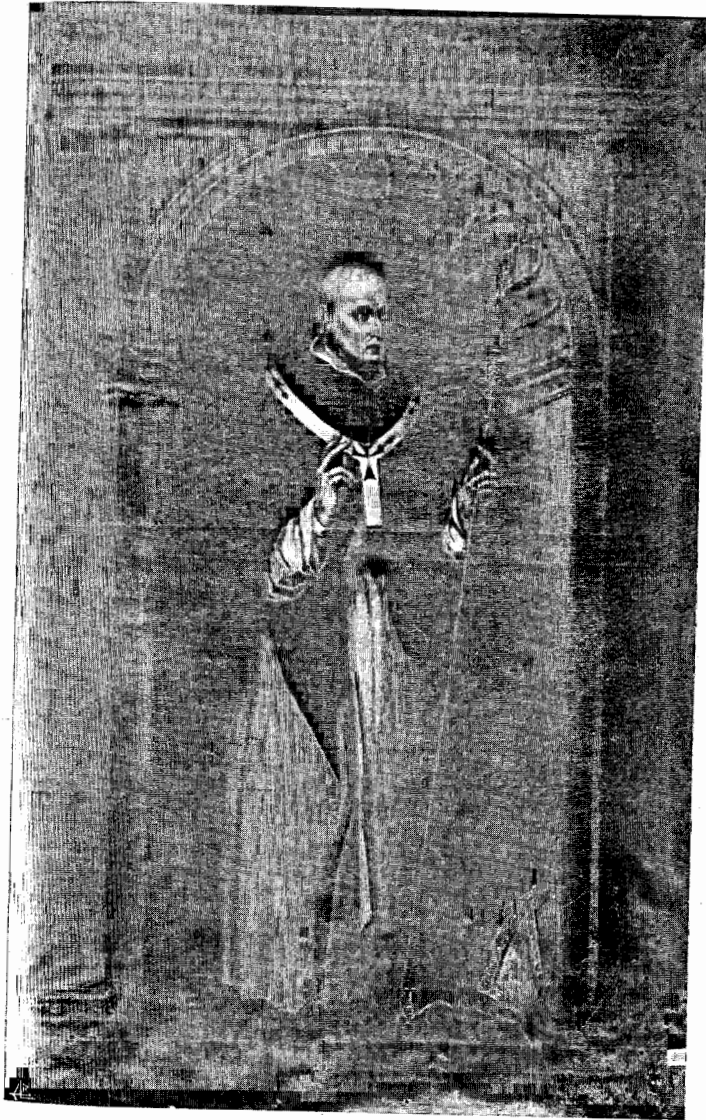


Fig. 1 — *Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*

(Retrato da galeria da Torre do Tombo)

Sob a capa preta que cobre este homem alveja o simples hábito de S. Domingos e da cintura pendem-lhe os bogalhos do Rosário Santo, que corre entre os dedos gelados.

De cadeia de oiro, uma cruz de esmaltes e pedras assenta-lhe no peito, que arfa amplamente, agitado e inquieto. Na grande cabeça calva, escafocéfala, muito alta e estreita, uma grisalha coroa de cabelos fortes e curtos.

Nos olhos azuis, pequenos, fundos e estrábicos, lampejam clarões sobrenaturais que realçam na pele, intensamente rubra, do rosto áspero, severo e rudemente descarnado.

O lábio grosso e espesso, a encimar o queixo duro, muito saliente em seu evidenciado prognatismo, move-se trémulo no cíciar do Rosário, que termina num sorriso. Levanta-se, lança fora a capa e, despojado do hábito o tronco forte, vergasta-se lentamente, gemendo e soluçando as mais ardentes súplicas ao Cristo que o contempla do alto da sua Cruz.

O penitente reveste-se em seguida, ajeitando em torno da cintura os cilícios agudos; sopra aos bicos ardentes do candeieiro; persigna-se de novo para estender-se depois, trémulo de dor e de frio, no catre mal coberto.

Esse que acaba de rezar, de flagelar-se e de deitar-se é o muito poderoso Senhor de Braga e Primaz das Espanhas, Illustríssimo Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

*

Sanguíneo e irascível, impulsivo, por vezes descomedido até à inconveniência, sereníssimo na disciplina, indomável no querer, tudo isto era esse D. Frei Bartolomeu físico, corpóreo, terreno, humano (1), de fundos olhos estrábicos, calvo, escafocéfalo e prógnato.

(1) Estas e outras conclusões e considerações deduzimo-las da citada biografia do Arcebispo, por Frei Luís de Sousa, dos retratos que do Prelado se conservam nos lugares que citamos, etc.

Frei Luís de Sousa lá diz que sua «competição era colérica e sanguinha, de que deram indício muitas doenças que padeceu de sangue mui graves». Em sua personalidade convergiam potentes e patentes características neuropsíquicas dos temperamentos auto-julgadores perpétuos, auto-condenados por culpas formadas e provadas em seu severo tribunal pleno interior.

Bem nos parece que poderíamos aproximar o seu tipo caracterial daqueles a que Boutonnier apelidou de *apaixonados do querer* e de *incorruptíveis*, dos que Viard chama *realizador*; dos que Malapert classifica como *afectivo (emotivo, emotivo-impulsivo)*, com suas tintas de *voluntário*, senhor de si, tipo de luta (do mesmo autor); ou do *apaixonado* (emotivo-activo secundário) de Heymans e Wiersma (1).

O complexo composto *corpo-alma* de certos seres, como o de D. Frei Bartolomeu, é tema de difícil análise e custosa compreensão, quer o dissequemos à luz — ainda tão vacilante, das doutrinas da estrutura da personalidade do Homem, de Hartmann a Scheler e Braun, de Freud a Klages ou Ortega; quer a consideremos ao clarão secular dos postulados tomistas.

Não queremos enfiar-nos nos troncos e ramos da densa floresta das relações do corpo e alma, do consciente e do inconsciente, do tripartismo pascalino ou da quadristraficação hartmaniana; consideremos, apenas, as mais salientes notas explicativas e justificativas das discordantes, simultâneas personalidades física e espiritual de D. Frei Bartolomeu, partindo do princípio que o equilíbrio das suas mútuas relações Deus lho permitiu através de poderosas energias de vontade, reduplicadas pela graça que recebera de Suas generosíssimas mãos. Bem sintetiza o fenómeno o Rev.^{do} P.^e Jules Paquim, na sua

(1) São inúmeros os estudos sobre *caracterologia*. Vid. as principais indicações bibliográficas na colectânea de lições de Psicologia, publicadas por Luís de Pina, Delfim Santos e outros na *Imprensa Médica* (Lisboa, 1955), mais tarde editadas em volume (Edições Imprensa Médica, 1956, Lisboa). Vid. Viard, *Le voeu suprême de Socrate*. 1953, Paris.

conhecida obra *Morale et Médecine* (Montréal 1955), a respeito do determinismo orgânico e da Raça:

«la grâce ne supprime pas la nature, mas s'y greffe pour l'élever, on peut dire que la sainteté, ou du moins tel genre de sainteté, dépend ordinairement, dans une certaine mesure, du psychisme, lui-même partiellement conditionné par l'organique» (pg. 60).

Por seis dezenas de anos, da entrada em religião até morte, pelo que pode desprender-se do que conta o seu principal biógrafo, debateram-se duramente naquela carnadura humana de Frei Bartolomeu os mais tremendos complexos instintivos da sua herança terrena ou somática e as mais silenciosas e persistentes compulsões sedativas do seu Eu espiritual, já de si sublimado pela marcaredentora do chamamento divino.

Ora essa luta de Bartolomeu Fernandes, natural de Lisboa, com Frei Bartolomeu dos Mártires, natural do Céu, foi dualismo subtil que muitos não compreenderam, nem entendem.

É que naquele rude composto material heróicamente se alteou o espírito, e tal, e tanto, que sua inóspita e desquerida aparência corpórea e temperamental logrou superá-la a real beleza do seu outro corpo imaterial.

As impulsões e explosões do seu rústico temperamento inato sobrepunham-se a cândura de seus gestos piedosos, seus êxtases e orações, sua imensa febre de caridade, seu inultrapassável amor de Deus e do Próximo.

Quanto mais se baixava o Homem-Bartolomeu no lodo do Mundo, mais se soerguia o Bartolomeu-Santo nas nuvens do Céu. Toda uma pugna feroz do Corpo e da Alma, a lembrar a bem cantada em verso pelo bom do franciscano medieval Jacopone de Todí, na tradução de Frei Marcos de Lisboa ⁽¹⁾, grande Bispo do Porto, na virtude, na humildade e na Caridade.

(1) Tradução, em português, na *Parte Segunda das Chronicas da Ordem dos frades menores & das outras ordens segunda & terceira, instituidas na igreja per o santissims Padre San Francisco, por Frei Marcos de Lisboa*. Lisboa, 1562. L.º X. Pág. CCLIV, v.º e CCLV e v.º.

Combate singular do Corpo e da Alma, em D. Frei Bartolomeu, como em todos os Homens, desde que o Mundo é mundo; contenda em que a Alma assim chama ao seu inimigo, nos versos do frade de Assis:

*Ó sujo malvado corpo
dissoluto gargantão
a toda a nossa saúde
sempre surdo e rebelão*

.....

Mercê de muita dor, muita lágrima e muita angústia — mas, também, mercê de incomensurável graça de Deus, não foi sempre surdo e rebelão o corpo de D. Frei Bartolomeu.

Na Biologia humana, em seu especial capítulo da Psicologia, sabemos que entre as chamadas defesas do Eu — a ascensão para a Divindade é uma defesa do Eu — contam-se modalidades de mecanismos psíquicos que são socialmente convenientes, uns; outros, tolerados; outros, ainda, criticáveis ou reprováveis. Tais, entre os conhecidos, a compensação, a substituição, a projecção, o egocentrismo, o autismo, etc. (1).

Por seu lado Alexander e, com ele, Mira y López, em boa parte, inserem a *sublimação* entre os tipos daquelas reacções defensivas do Eu, que assim definem: processo pelo qual a energia de uma tendência reaccional que tropeça em inibições no seu caminho (devidas a obstáculos internos e externos) é transferida para outras vias, nas quais se descarrega livremente, originando uma satisfação substitutiva, a que se chama «vivência compensadora» (2). E dá-se, então, o fenómeno bem conhecido na Psicologia humana:

«o facto essencial da sublimação radica em que permite conciliar a antítese conflitiva (entre o desejo e a censura), conservando

(1) Mira y López. *Psiquiatria*, I vol. 4.ª ed. 1953, Buenos-Aires.

(2) Id., id., pág. 143.

o sentido ou significado intencional do acto projectado e apetecido, mesmo quando este, aparentemente, não é realizado».

Daf que outra reacção defensiva do Eu é a sua libertação pela acção coercitiva do remorso ou da censura por auto-punição, fenómeno em que a pessoa é juiz e réu ao mesmo tempo. Isso, claramente, ajudado pela *projecção*, que é a expulsão de tendências afectivas censuráveis ou reprováveis.

Isto o que nos diz uma ou outra página da Ciência contemporânea do subconsciente na análise do comportamento ou da conduta (1).

Em Frei Bartolomeu dos Mártires, — embora condicionado por uma alma sobrecheia da graça de Deus, que era tudo — é evidente este mecanismo psicossomático de aperfeiçoamento e recalçamento mortificante. Não há muito que os Dres Biot e Galimard (3) versaram agudamente este problema das relações do corpo e da alma, ao jeito de tantos outros especialistas, tais Vanderbeldt e Odenwald, na sua obra *Psychiatrie et Catholicisme*, de há um ano (2).

Pois são aqueles autores católicos franceses que asseguram, ao tratarem da mortificação e vida espi-

(1) São deveras curiosas, embora ainda sujeitas a comprovação e correcção, as informações que se podem colher, relativamente a este assunto, através do teste de Szondi (vd. Szondi, *Diagnostic experimental des pulsions*, 1952, Paris).

Em resumo, como diz o autor, na introdução:

«Ils'agit donc de déterminer les aspirations pulsionnelles qui, aussitôt après l'amphimixis (c'est-à-dire lors du mélange des éléments héréditaires pendant la fécondation), ont été vaincues dans le combat génique et subjuguées par les tendances pulsionnelles familiales dominantes.»

O autor chama ao seu teste *Analyse de la Destinée*, «qui s'occupe de la couche de l'inconsciente familial, plus profonde et chronologiquement antérieure». As outras duas camadas da personalidade profunda são o *inconsciente pessoal* e o *inconsciente colectivo*.

(2) Biot e Galimard — *Guide médical des vocations sacerdotales et religieuses*. Paris, 1952.

(3) J. Vanderveldt e P. Odenwald — *Psychiatrie et Catholicisme*. Paris, 1954.

ritual, na questão da assistência aos deserdados enfermos:

«A longa coorte dos Santos e Santas testemunha, herõicamente, que fé e caridade cristãs são os mais poderosos móveis que forçaram a sua alma a vencer o seu egoísmo ou a sua repugnância e a fazer deles os servidores devotados, infatigáveis, dos pobres doentes» (1).

Além dos mais insignes moralistas contemporâneos, o já citado Prof. Rev. Jules Paquin, na sua obra *Morale et Médecine* escreve, a propósito do *determinismo*:

«Quant à la sainteté, elle suppose sans doute la liberté; mais elle est avant tout, — totalement même, quoique non uniquement, — l'oeuvre de la grâce.

Celle-ci n'est pas moins une réalité que toutes les réalités naturelles; et c'est avoir une vue bien partielle des choses que d'en ignorer le rôle transcendant» (pág. 61).

Referindo-se ao ascetismo — fonte opulenta de sublimação e de caridade, tão evidentes em D. Frei Bartolomeu, os citados autores não negam, nem podiam negar, certo ascetismo patológico gerado, em alguns homens, na fraqueza perante a vida.

Nem pode ter lugar qualquer prevenção deste género, referentemente ao nosso festejado de hoje, que por obras e palavras demonstrou perante a vida especialíssima e normalíssima fortaleza.

É que, nele, o ascetismo foi a mais pura flor da sua vocação e a vocação o mais espantoso segredo da sua vitória, orientada a actividade no sentido que correspondia aos seus dons, às suas capacida-

(1) Biot e Galimard. *Ob. cit.*

des e às suas inclinações profundas, de que nos fala o Dr. Salabelle, num dos «Cahiers Laennec» (1).

Na expressão deste cientista, a vocação é

«um conjunto relativamente estável de dinamismos profundos e de impulsões, quer instintivas, quer espirituais, ora instintivas e espirituais ao mesmo tempo, que exigem a sua expressão, a sua realização e estão prontas a fazer pagar caro os crimes de lesa-vocação, cometidos contra a sua potência de expressividade».

Em D. Frei Bartolomeu dos Mártires todos esses dinamismos os exprimiu e realizou em quatro sectores bem definidos de sua actividade vital e apostólica, excelentemente condicionados pela graça divina:

- 1) **Devoção — Misticismo**
- 2) **Afectividade — Caridade**
- 3) **Humildade — Mortificação**
- 4) **Sentido Social do Cristianismo**

Toda a sua biografia — a que ainda faltam, cremos nós, muitos e precisos fragmentos, revela estes quatro aspectos da sua santidade, sem esquecer que, na sugestão de Salabelle, o temperamento está para os planos anátomo-fisiológicos do ser como a vocação para os seus planos psicológicos. Por isso o temperamento surge como um dos abstractos da vocação.

Dáí podermos garantir que, longe de a contrariar, o temperamento de D. Frei Bartolomeu dos Mártires foi excelente terreno de sua ascese vocacional.

Pode relacionar-se a sua compleição psicomoral ou temperamental natural, espontânea, incondi-

(1) Cahen-Salabelle. *Vocation et affectivité*. In «Cahiers Laennec», 4-1950. Paris, pág. 11.

cionada, ao mais expressivo de sua personalidade física ou fisionomia exterior, nem bela, nem atraente (1) — a Santidade não selecciona corpos, elege apenas almas!

*

Por isso, contemplemos, em primeiro lugar, a vida daquela alma naquele corpo, considerando edificadamente as suas expressões:

Devoção — misticismo

Inegável, poderoso, profundo, o ascetismo bartolemeano infere-se de tanta de sua intensa vida interior ou espiritual. Abundam testemunhos a provar que o Venerável Arcebispo preencheu os requisitos exigidos para afirmação de uma genuína vida ascética.

Por misticismo entender-se-á, com a definição do Prof. Niedermeyer — um mestre laico, Doutor em Direito, Doutor em Medicina e Doutor em Filosofia, que ensina Ginecologia na Faculdade de Medicina de Viena; com a sua definição de misticismo, expressa na *Medicina pastoral*, que tem o *Nihil obstat* da autoridade da Igreja, entender-se-á que

« *A verdadeira mística* consiste na união sobrenatural da alma humana com Deus (*unio mystica*) e a simultânea capacidade

(1) Conta Frei Luís de Sousa que o Arcebispo de Braga D. Agostinho, vendo que agonizara Frei Bartolomeu, no seu mosteiro de Viana, mandou «vir um pintor de fama por nome António Maciel» para que pintasse o rosto do Santo Prelado. E assim o fez, ficando muito bem ao natural; «e por ele se tiraram depois outros, dos quais foi logo um ao arcebispo de Évora D. Teotónio de Bragança» que ele estimara muito, «e na mesma conta tinha dom frei Agostinho o primeiro, que a ele devemos». (Sousa, III, 64). É ponto para estudo a verificação deste asserto.

de o conhecer imediatamente (contemplação)... (1).

Da biografia do Santo colhe-se a certeza de seus êxtases, gestos e atitudes reveladoras de colóquios com Cristo, dom de profecia e outras virtudes e graças que constam do seu processo de beatificação. Sem contar as inúmeras provas de profundo misticismo que se topam em tantas páginas das obras que escreveu, ele que foi insigne Professor de Teologia mística na Ordem dos Prêgadores.

Como grau superior de nossa vida espiritual a vida mística, como ensina Henri Bon, tem a marca-la, entre mais, o que é dom gratuito de Deus (2), que no-lo concedeu recebê-la ou aumentá-la à nossa vontade, pela recepção dos Sacramentos, por nossas acções e boas obras.

Sabemos bem quanto D. Frei Bartolomeu dos Mártires a aumentou à sua vontade, medindo-lhe sempre o crescimento com o metro ou compasso de sua ampla receptividade da Graça de Deus.

Como lembra Capdevila (3), ao falar-nos dos grandes ascetas espanhóis do século do Arcebispo, o abandono das coisas do mundo é outro dos caracteres do sentimento religioso místico. O nosso Arcebispo é lúcido exemplo desta virtude.

Graça e ascese, condições da vida mística, lembradas pelo psiquiatra e neurólogo Prof. João Lhêrmite (4), ao estudar os seus fenómenos, foram dons e qualidades sobrenaturais de Frei Bartolomeu. Ele cumpriu santamente o Evangelho divino de socor-

(1) A. Niedermeyer. *Précis de Médecine pastorale*. Mulhouse, 1955, pág. 450.

(2) Henri Bon. *Compendio de Medicina Católica*. Ed. espanh., 1942, Madrid, pág. 155.

(3) J. Goyames Capdevila. *Contribución de los escritores místicos españoles del siglo XVI a la historia de la Psicología*. Archivos Iberoamericanos de Historia de la Medicina. IV 1.º 1952. Madrid.

(4) J. Lhermitte. *Les phénomènes mystiques et la science*. Ecclesia, 63, Junho, 1954. Paris.

rer os pobres, consoante a formosa lição de Pio XII, não há muito dita aos contemporâneos:

«A grande tentação, mesmo para os crentes, numa época que se diz social, na qual — além da Igreja, o Estado, os concelhos e as outras instituições públicas se consagram a tantos problemas sociais, é, quando o pobre bate à porta, o enviá-lo simplesmente à obra, à repartição, à organização, julgando que já suficientemente se cumpriu o seu dever pessoal colaborando com estas instituições pelo pagamento de impostos ou por donativos voluntários.

Sem dúvida, prossegue o Padre Santo, o necessitado receberá o vosso auxílio por esta via. Mas muitas vezes ele conta também convosco, pelo menos com uma palavra de bondade e de reconforto de nossa parte.

A vossa caridade deve assemelhar-se à de Deus, que em pessoa vem trazer socorro» (1).

Como bem disse o mesmo Capdevila, os místicos da época do nosso Arcebispo, de Luís de Granada, João de Ávila, João de la Cruz a João de los Angeles e Teresa de Jesus, levaram a cabo

«um esplêndido desenvolvimento da doutrina do amor a Deus, da caridade pelo Próximo, como impulso voluntário, como a vontade do criador na natureza, na base de uma vida ascética, resolvendo toda a Ética no amor aos semelhantes, assimilando inclinação ou libido à vontade, dirigida para Deus representado no Homem, e este divinizado na figura de Cristo, vertendo a uma linguagem vernacular magnífica o latim dos textos sacros e profanos...» (2).

(1) In *Ecclesia*, n.º 57. Dezembro, Paris, 1953. Pág. 63.
(2) Capdevila, ob. cit. Pág. 139.

Pois aí temos o nosso místico D. Frei Bartolomeu a resolver toda a Ética em amor aos seus irmãos sofredores por intermédio da

Afectividade — Caridade

Sem dúvida que caridade é amor, afectividade é caridade. Diz um grande psiquiatra espanhol que o *afectivo* é o *efectivo* da vida pessoal (*lo afectivo es lo efectivo en la vida personal*) (1). Já Santo Agostinho dizia que *ama e faz o que quiseres*, em celeste divisa do *amor omnia vinxit*. E S. Francisco de Sales, que ainda hoje louvaremos, fala-nos da Caridade ser a vida de nossa alma e lembra que em nós há sempre dois amores: o *afectivo* e o *efectivo*; de tal modo os exemplifica e define num seu livro piedoso, que bem podemos aparentá-los com os dois grandes amores de D. Frei Bartolomeu pelos seus filhos, os seus semelhantes: o *afectivo*, pelos pobres; o *efectivo* pelos demais seres, menos agredidos da desventura material.

A uns e a outros amou, mas diferentemente, como o bemaventurado de Sales. E com que sacrifício e tormentoso enleio! Amor com sofrimento é redobrado, maior amor. Assim a Caridade, quando sofrente. Bem proclama o Abade Pierre, de Paris:

« Não há Caridade numa vida de homem enquanto não for, de maneira permanente, privação e incómodo » (2).

Assim como Caridade é amor e afectividade caridade, também a vocação é resultante da afectividade, se é que não são sinónimas estas duas palavras, como

(1) Mira y Lopez. *Psiquiatria basica*. B. Aires, 1950. Pág. 93.

(2) In *Ecclesia*. Setembro, 1954, pág. 16, Paris.

sugere Cahen-Salabelle. Escreve tão esclarecido expositor que há coisas cujas dificuldades decuplicam o amor: a vida religiosa é uma delas (in *Cahiers Laënnec*, 4, 1950).

Pois bem se poderia demonstrar quanto D. Frei Bartolomeu decuplicou o amor aos pobres num heroico poema de Cristianíssima Caridade.

*

Terceira qualidade da vida apostólica do Arcebispo:

Mortificação — Humildade

Neste sentido a vida de D. Frei Bartolomeu foi permanente sofrimento pessoal, castigo e punição do corpo e de suas tendências: — voluntárias sêdes, frios voluntários, escassez alimentar, repúdio do mínimo conforto, sumário repouso, tudo são provas dessa mortificação no Arcebispo bracarense.

É que o *Homem Velho* ou a *carne*, ensina Surbled, em lição que todos bem sabemos, compreende a alma e o corpo e constitui o «maior obstáculo à nossa evolução, ao nosso aperfeiçoamento, à nossa saúde» (1); daí que «a mortificação é o meio soberano que a Igreja nos ensina para afligir o homem carnal, para reprimir seus instintos e vícios, para fugir e detestar o pecado e assegurar a graça de Deus, para que entre e tome posse em nossa alma: deve, pois, aplicar-se a todo o nosso ser, à alma e ao corpo», diz aquele expositor.

Mas, colijamos mais provas da mortificação do Arcebispo. Fosse aspérrimo o tempo, nunca usou luvas. E quando o frio apertava e os familiares lhe recomendavam agasalho, sorria-se e apenas dizia que

(1) J. Surbled. *La Moral y sus relaciones con la Medicina*. Ed. espanh., 1950, Madrid.

o frio tinha de cumprir a sua obrigação, que não devíamos impedir. E quando, um dia, adoeceu de uma perna e o médico a mandou agasalhar convenientemente, deixou Frei Bartolomeu a outra perna sem qualquer resguardo, explicando que, como estava sã, bem poderia suportar a dureza do tempo!

Assim em tudo o mais, como podeis saber de certos passos da sua vida.

Se o frio apertava e os familiares se queixavam, recomendava-lhes a oração, que era o melhor fogareiro ou braseiro.

Sua mortificação, do cilício ao flagelo, das renúncias de comodidade aos recalcimentos de feitio, era pura penitência oferecida a Deus por seus próprios pecados e pecados do Próximo, sem deixar de ser, concomitantemente, afogamento e sublimação de tantos escrúpulos, que sempre sentiu e confessou.

Todos os seus movimentos para renúncia do cargo tendiam à mortificação pessoal por rebaixamento da sua pessoa: e essa atinge o mais alto viso apenas no dia em que, já resignatário, entra como simples frade no seu convento de Viana, onde começa por rogar a bênção do seu Prior, em filial atitude de humildade e humilhação. Nesse acto de mortificação plena bem poderia chamar-se ao Arcebispo resignatário, como S. Francisco de Sales a S. João Baptista, *homem angélico* e *anjo humano*.

O seu querer sublimar-se era poderoso, excepcionalmente poderoso. Um biólogo materialista como parece ser Chauchard poderia aplicar-lhe estas palavras, que escreveu em obra recente, a propósito da sublimação de instintos e liberdade do ser:

— «O poder universal que tem o homem de se sobrepassar por motivos ideológicos, o imenso e milenário esforço da Humanidade para sair da animalidade; o heroísmo, enfim, mostram pelo menos que na nossa espécie certos reflexos orgânicos não são absolutos» (1).

(1) Paul Chauchard. *La chimie du cerveau*, 1948, Paris, pág. 99.

O mesmo já citado moralista Rev. Jules Paquin assim se refere ao assunto, que leio na língua própria: «Parce que l'homme est un être complexe, les habitudes ne constituent pas ses seules forces d'action: son âme spirituelle est douée de volonté;

Et parce que cet être complexe est un, les forces contradictoires de sa nature peuvent s'unifier dans une hiérarchie où la volonté tient la place dominante; les obstacles que rencontre la liberté ne sont pas toujours, ni même habituellement, insurmontables». (Ob. cit., 62).

A Biologia, como se vê, achega-se muito à Teologia, felizmente!

*

E vejamos a quarta qualidade do seu ministério arquidiocesano:

Sentido Social do Cristianismo

Em um recente estudo sobre a Idade do Social exclama o ilustre Reitor da Faculdade de Filosofia de Braga, Rev.^{do} Doutor Lúcio Craveiro:

«Santos, filósofos, oradores, políticos, homens notáveis pelos dons de inteligência, santidade da acção, é que se tornam os focos de programas ou ideias novas e de novos progressos sociais» (1).

Desses santos criadores de progresso é Frei Bartolomeu um dos prestantes pioneiros, por ter sido opulento o seu sentido político social cristão, a desentranhar-se em obras de protecção ou socorro a desamparados e enfermos; de subsídio a estudantes pobres; criação de cursos e aulas de ensino

(1) Lúcio Craveiro — *Problemas iminentes da idade do social*. In «Revista Portuguesa de Filosofia», VIII, 1952, Braga.

superior, combate ao paganismo, instalação de cantinas e lares sacerdotais, dentro e fora do seu Paço; a ideia da criação de uma Universidade na cidade de Braga; o estabelecimento de hospitais; organização do cadastro assistencial dos necessitados; a de providências disciplinares da morigeração dos costumes, a sugestão do trabalho manual como via auxiliar de perfeição do ministério sacerdotal, e tantas outras obras e proposições de grande alcance educativo e reformador.

Estas, em síntese, as notórias quatro facetas da pirâmide vital de D. Frei Bartolomeu dos Mártires: na base, o seu corpo, o seu rude terreno ou substracto temperamental; no vértice o seu delicadíssimo amor de Deus e do Próximo, a *unio mystica* da Teologia.

E infusos em toda ela, difusos por toda ela, o influxo contraste da verdade e as múltiplas forças de uma vontade inexaurível, a condicionarem no Arcebispo um perfeito Mestre do Evangelho e um exemplo inultrapassável de Apóstolo.

É como diz o Santo Padre Gregório XVI, no decreto com que aceita o processo de beatificação de D. Frei Bartolomeu dos Mártires:

«De tal modo consta a existência das virtudes teologais e cardiais e suas anexas em grau heróico do venerável servo de Deus ... que com toda a segurança se pode proceder aos assuntos ulteriores...» (1).

*

* *

Desdobremos e planifiquemos, agora, estas peças constitutivas dessa complexamente formosa pirâmide pessoal bartolomiana, para vos referir, mais por largo, algumas expressivas notas que as exornam e esmaltam.

(1) Frei Luís de Sousa. Ob. cit. III. Pág. 318.

Eu não pretendo biografar D. Frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas; apenas experimento alumiar com algumas débeis candeias da Ciência e algumas de crítica histórica, um pouco do incomensuravelmente estranho fenómeno da sua vida, das vivências do seu ser complexo, místico e carnal, humano e celeste.

Dele se pode dizer com Foulquié, ao analisar a doutrina do existencialismo essencialista, de Lavelle:

«nós nascemos com uma certa essência anterior ao acto existencial pelo qual escolhemos entre nossas possibilidades aquela que queremos realizar» (1).

Aqui, também, a Filosofia das escolas laicas se achegou à multissecular das escolas de Deus, embora chame às coisas com outros nomes mais sonoros, mas menos expressivos.

Não pretendo biografar o Arcebispo. Apenas quis, até agora — e não desejarei outra coisa, até final deste colóquio convosco e com ele — sentir comigo e em mim o quanto teria sido nele explícita, criadora de bem e de grandeza, a sentença de S. Paulo, ao dizer nas ocasiões de auto-dominação de instintos, de cóleras ou de impulsos, que tudo é uno:

«quando sou fraco é que sou forte»!

Fortaleza que é unificação ou unidade de poderes dispersos, contraditórios muita vez, que nos pode levar a proferir, com Unamuno: (2)

«o que mais une o homem a si próprio, o que faz a unidade íntima da nossa vida, são as nossas discórdias íntimas, as contradições interiores de nossas discórdias.»

(1) Paul Foulquié. *L'existencialisme*. Paris, 1948.

(2) Cit. in Ibor, *La agonía del psicoanalisis*, 1951, Buenos Aires.



1



2



3



4

Fig. 2 — Quatro retratos de D. Frei Bartolomeu dos Mártires

- 1 — Da galeria dos Arcebispos do Paço Arquiepiscopal de Braga.
- 2 — Da sacristia da Igreja dos Congregados de Braga.
- 3 — Da sacristia da Igreja de Santa Cruz de Viana do Castelo.
- 4 — Do hospital de S. Marcos. Braga.



Fig. 3 — Dom Frei Bartolomeu dos Mártires

(Gravura de João Schorquens, hol., séc. xvii, para a 1.^a edição da vida do Arcebispo, de 1619, por Frei Luís de Sousa)

Referindo-se à oposição, mesmo no homem normal, entre as exigências da moral objectiva e os instintos elementares de conservação, de domínio e de sexualidade; e ao tratar dos dinamismos psíquicos e sua importância na justificação de um determinismo não absoluto, Paquin relembra o que Pio XII disse aos participantes do *V Congresso Internacional de Psicoterapia e Psicologia clínica* (1953), por estes termos:

« Ces dynamismes peuvent être dans l'âme, dans l'homme; ils ne sont cependant l'âme, ni l'homme. Ils sont des énergies, d'une intensité considérable, peut-être, mais la nature en a confié la direction au poste central, à l'âme spirituelle, douée d'intelligence et de volonté, capable normalement de gouverner ces énergies. Que ces dynamismes exercent leur pression sur une activité ne signifie pas nécessairement qu'ils la contraignent ».

Poderíamos aqui juntar muitos pareceres de cientistas a apoiarem a doutrina do insigníssimo Padre Santo.

O ciclo e círculo vital da existência de D. Frei Bartolomeu teve seu alfa no convento de S. Domingos de Lisboa e seu ómega no de Viana do Castelo.

Entre aquela madrugada e este poente todo o discurrer das demais letras do alfabeto de sua existência foi operoso enleio, proveitosa inquietação ou ubérrimo movimento criador. Daí que a tarefa humana do Arcebispo se espraia em férteis canteiros do seu jardim apostólico, para glória de Deus e da cidade de Braga.

Quando nasceu Bartolomeu Correia Fernandes — este o nome civil completo do Arcebispo, corria o ano 1514, esse em que se publicaram as celebradas *Ordenações manuelinas*, quatro anos antes da viagem circum-mundial de Fernão de Magalhães. Nesse 1514 contava 19 anos o maior santo português do século, João de Deus, então por terras de Espanha, pastor do gado de João Navas, lavrador opulento de Oropesa. É o mesmo ano, esse de 1514, em que morre o notabilíssimo architecto Bramante de Urbino e em que Rafael Sanzio e Miguel Ângelo estudam e alteram a planta da catedral de S. Pedro em Roma, cujos primeiros trabalhos Bramante chefia.

Três anos antes de Bartolomeu Fernandes nascera o maior médico português Amato Lusitano.

O grande reformador bruxelense da Anatomia, André Vesálio nasce no mesmo ano em que o futuro venerável Arcebispo viu a luz do dia; e é nesse ainda de 1514 que na *Prática*, do celebrado Vigo, se descrevem pela primeira vez as feridas por armas de fogo. Ano em que Maquiavel escreve o *Príncipe* e em que chega a Roma a Embaixada de Tristão da Cunha, mandada pelo Rei de Portugal, ao Papa Leão X.

Entretanto, do mundo europeu de ao de lá dos Pirinéus hão-de açular-se contra a Igreja os lobos luteranos e calvinistas.

No ano de 1519 Lutero nega a autoridade da Igreja e do Papa; em 1520 queima a Bula pontifical; e em 1532 implanta-se o protestantismo.

Calvino, que chega a Genebra quatro anos depois, imita Lutero, é mais protestante do que ele, funda a sua Igreja; e aquela cidade será a Roma da Religião reformada.

De 1562 a 1598 ateia-se e derrama-se a Guerra da Religião.

O Vaticano sente a onda nova luterano-calvinista, esmera-se e afervora-se na esperança e na fé, cristãs, católicas, romanas. Pio IV, reinante ao tempo de Dona Catarina e do Cardial D. Henrique, reconvoça em 1562 o Concílio de Trento, suspenso há 10 anos, aprova o estatuto da Companhia de Jesus, propõe os Seminários, vive muito de fé, saber e graça santa do Cardial Arcebispo S. Carlos Borroméu. Desse eminente Pontífice recebeu um dia a prenda de valioso anel o santo Prelado de Braga.

Em 1566 é Papa Pio V—contemporâneo de D. Sebastião, que, como Frei Bartolomeu dos Mártires, aos 14 anos entra para a Ordem de S. Domingos. Ele é o santo Pontífice da Reforma Católica da Igreja, rigoroso, austero, indomável no apostolado da mais pura doutrina de Cristo. É, como S. Carlos Borroméu, um dos grandes e decisivos inspiradores do nosso Arcebispo bracarense. Fácil e impressivo seria a demonstrá-lo.

O negro ano de 1572 assinala-se com o sangue copioso do dia de S. Bartolomeu, em Paris. A França

geme no desfalecimento trágico da religião católica romana. Em 1589, um ano antes de morrer o nosso venerável Arcebispo, subia ao trono gaulês um Rei protestante, Henrique de Navarra, o IV, filho da calvinista Joana d'Albret.

Estes eram o clima, o tom e o cheiro da época em que viveu D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Não resta dúvida que Frei Luís de Granada previu subtilmente o que estava para advir ao mundo cristão católico sob a revolta luterana, começada em França quando o moço dominicano Bartolomeu mal contava 16 anos.

O excelso místico do século, língua de ouro da fala de Espanha, que nascera de humilíssima família no mesmo ano em que viera ao mundo Pio V, está já em Portugal, por 1556, como Provincial da Ordem. Frei Luís é confessor da Rainha portuguesa, sabe dos segredos políticos e religiosos da Europa convulsa na encruzilhada de maus caminhos.

Braga está sem Prelado há um ano, após a morte de D. Baltazar Limpo, em 1558. Nas dioceses do Reino governam, por então, grandes Bispos: no Algarve, D. João de Melo e Castro; em Angra, D. Frei Jorge de Santiago; em Bragança e Miranda, D. Rodrigo de Carvalho; em Coimbra, D. Frei João Soares; em Évora, o Infante D. Henrique; no Funchal, D. Frei Jorge de Lima; na Guarda, D. João de Portugal; em Lamego, D. Manuel de Noronha; em Leiria, D. Frei Gaspar do Casal; em Lisboa, D. Fernando de Vasconcelos; no Porto, D. Rodrigo Pinheiro; em Viseu, D. Gonçalo Pinheiro; em Ceuta, D. Jaime de Lencastre; em Cabo Verde, D. Frei Francisco da Cruz; em S. Tomé, D. Frei Gaspar Cão; em Goa, D. Gaspar Pereira; na Baía, D. Pedro Sardinha; em Portalegre, D. Julião de Alva; na Etiópia, D. João Barreto.

Em algumas destas dioceses governavam Prelados de Ordens religiosas, como a Dominicana. Ora o Arcebispo de Braga era o Primaz das Espanhas, poderoso reduto de Fé e ardor evangélico, de nítidíssima e expressiva influência apostólica no mundo católico luso-hispânico.

Pode pender-se em crer que o Poder Real e Frei Luís de Granada, dominicano, confessor da Rainha, sugerissem que Braga, a Roma nacional, aquilatasse o timbre do seu interesse reformador pelo de Roma, redobrando o fervor apostólico contra o fartum das heresias gaulesas.

Sólido era o baluarte bracarense, sólida devia ser a mitra que o comandasse. No pensamento de Frei Luís de Granada surgiria a figura do frade da sua Ordem D. Frei Bartolomeu dos Mártires, como a que melhor garantisse tal solidez.

Nela se consubstanciavam e essencializavam qualidades e prendas ajustadas e afeiçoadas ao momento e ao lugar históricos.

Não são parcas as laudas do Flos Sanctorum em biografias de bemaventurados cuja personalidade é por vezes paradoxal e incoerente, observada no ponto de vista de suas expressões psicomorais mais profundas.

Certo que as há uniformes, sempre iguais a si próprias, nas noites e nos dias do seu tempo interior, no mau ou bom tempo dos seus dias e noites de alma, de carácter ou de temperamento.

Vidas mansas de Santos, tais lagoas plácidas ao amanhecer ou regato murmurente ao pôr-do-sol. Serenidade e silêncio, doçura e claridade equivalentes em todos os seus instantes de angélicas ou humanas vivências, mavioso sussurrar de brisas leves, temperado calor de um aconchego de sol outoniço.

Vidas celestes de almas que da terra ascendem para Deus em perpétuo voo planado, asas sempre abertas e fixas, a prosseguirem seu caminho muito acima das nuvens e dos tufões. Mas de outras almas santas, quem não conhece a inquietude da sua existência, mar amplo que se encrespa ou inquieta, que esbraveja ou serena ao sabor de ventos fortes ou amena brisa?

Almas de Santos aí viveram que foram ambivalentemente vulcão aceso ou poço frio, caudal de água impetuosa agora e, logo, seu brando correr, cansado e repeso. Luz de sol excitante do meio-dia, umas vidas de Santos, ora clarão sedativo de lua, senão tremeluzir de estrela longínqua.

Almas de Santos ascendentes a Deus, estas em voo largo, num bater nervoso de asas curtas ansiosas, a debaterem-se entre castelos negros de nuvens, salteados de vendavais e ribombos de tempestade. De quando em quando, num clarão do firmamento a tormenta amaina, a nuvem desfaz-se: e as asas destas almas santas aquietam-se, abrem as penas ao bom sol que as doira e aquece e como as outras prosseguem o calmo voo planado da celeste ascensão.

Assim houve e assim foram as almas de muitos Santos, personalidades de muitos Santos.

Espécime excelente D. Frei Bartolomeu, como S. Paulo ou S. Francisco de Sales ou o Santo Cura d'Ars.

Do Apóstolo de Tarso conhecemos as iras e suavidades, suas doçuras e suas cóleras, como as do Venerável Arcebispo. Quando S. Paulo sente a rebeldia dos Cretenses enche-se de acrimónia:

«bruscamente... o tom muda. À doçura, à mansidão, sucedem a indignação e a ameaça. Não é o homem de coração sensível que fala; é o chefe, o combatente» (1).

E quando diz a Tito que os relapsos de Creta são mentirosos, más bestas e ventres preguiçosos, recomenda-lhe que os admoeste àsperamente. Entretanto, esses maus receptores da doutrina de Cristo chamam ora autoritário e violento ao Apóstolo, ora irresoluto e morno, esse de quem sempre o amplíssimo coração bateu por Deus e pelo próximo. Dos seus evangelizados escrevia o converso da estrada de Damasco: —

Vós sois a carta de Cristo, escrita pelo nosso ministério, não com tinta mas com o espírito de Deus Vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne do coração.

(1) Daniel-Rops. *Saint Paul conquérant du Christ*. Paris, 1952. Pág. 113.

Era carne viva seu coração apostólico, como o de Frei Bartolomeu, a sangrar o licor quente de inesgotável paixão pelos pobres e pelos pecadores. De S. Paulo lembra Rops: (1).

«Este homem que muita vez se representa violento, terrível, feito de uma só peça, devotado fanaticamente a uma causa austera; esse que, preso em Roma, já em perigo de morte, teria razões para pensar só em si, que faz? Escreve ao seu antigo discípulo Filemão para que receba com amor um dos seus escravos fugitivos e o trate como irmão».

Desta feição há-de também ser o venerável Arcebispo de Braga!

De Frei Bartolomeu dos Mártires conta Luís de Sousa que os censores o taxavam de presuntuoso, altivo e atrevido, amigo de novidades, «em querer desarraigat vícios» (pág., ob. cit. II 98).

Como S. Paulo, firme na fé como na disciplina, era o mesmo que se humilhava em exemplo extraordinário de sofrimento oferecido a Deus perante um sacerdote delinquente em sua vida de castidade, com grave escândalo do lugar. Oçamos Frei Luís de Sousa a contar o que então faz o Arcebispo, depois de mandar vir à sua presença o padre pecador:

«Era alta noite, achou o arcebispo com a capa coberta, pareceu-lhe novidade e maior quando viu, depois de entrado, que o arcebispo cerrava por sua mão a porta e o mandava assentar. Estando assi todo embaraçado com o que esperava e temia, senão quando o arcebispo deixa cair a capa; e, ficando nu da cinta para cima, lança-se de joelhos diante do hóspede e começa a ferir-se com cruéis e despiadados açoutes de uma grossa disciplina» (pág. 115. II).

(1) Daniel-Rops. *Saint Paul conquérant du Christ*. Paris, 1952. Pág. 60.

O padre, boquiaberto, estarrecido, era a estátua do assombro! E o Prelado continuava a fustigar-se, num choro amargo: «depois que gastou nela um bom espaço, levanta os olhos; e, com as mãos juntas e a eficácia que se pode entender de tal postura, pede-lhe que emende a vida e atalhe a infâmia e que em princípio de paga de muito que a Deus tinha ofendido lhe oferecia por ele aqueles açoitos e lágrimas que via» (pág. 115, 2.º). E o certo é que o mau Padre emendou-se.

Depois de termos lembrado S. Paulo e sua natureza ardente, complexa, ambivalentemente terrena e celeste, como não cotejar o nosso Arcebispo de Braga com S. Francisco de Sales, Bispo também muito contrariado?

Quando morreu este tão venturoso servo de Cristo, em 1622, já havia deixado o mundo D. Frei Bartolomeu, ia para 32 anos.

Francisco nascera no castelo da nobre e rica Sales, no ano em que o Prelado Bracarense cerrava o seu sínodo provincial, em 1567. Como este, já na infância o impelia para Deus uma vocação insistente. Paris educa-o nas aulas da Universidade, sem que o moço vacile no ardoroso desejo de consagrar-se à religião.

Entretanto, surge o ano de 1590. Em Viana, no seu convento dominicano, morre santamente D. Frei Bartolomeu. Em Paris, o estudante de Direito Francisco de Sales cai de cama com a peste. Perante a morte, não estremece, entrega-se confiante e jubiloso à vontade do Senhor. Faz o seu testamento, pelo qual lega aos estudantes de Medicina o seu corpo, para que depois de morto servisse para alguma coisa: «il puisse servir de quelque chose à sa mort».

Deus, porém, não quis Francisco de Sales naquele momento. O estudante jurista venceu a morte, prosseguiu os estudos e regressou ao lar. Não se casa, no que contraria a família. E um dia ordena-se Padre e começa a sua espantosa carreira de evangelista, apóstolo e mestre de mestres, domador de erros e terror de herejes.

E, todavia, o Santo nem sempre fora doce e tranquilo. Diz o seu insuspeito biógrafo que o sorriso

de Francisco de Sales «est acquis par un dur combat» visto que «il avait brisé cet instinct de colère que M. Déage déclarait implanté dans sa race» (1).

Como Frei Luís de Sousa e outros biógrafos referem de Frei Bartolomeu bracarense, eis o que o francês escreveu do Santo de Sales:

«Certains le trouvèrent exigeant et autoritaire. C'était assez vrai. Il avait un sens aigu de sa dignité d'évêque. Il n'y voyait pas un poste honorifique mais la tâche de successeur des apôtres. Il réclamait de son clergé une tenue morale et intellectuelle meilleure que celle qu'il constatait encore autour de lui, malgré les réformes du Concile de Trente. Il conjurait ses clercs de «vaquer sérieusement à l'étude, car la science, pour un prêtre, disait-il, c'est le huitième sacrement de la hiérarchie de l'Église».

Il était sévère pour les examens imposés aux futurs prêtres et ses mandements n'avaient rien de doucêatre; ils sont d'un chef qui commande et qui veut être obéi» (pág. 18).

Como o Bracarense, S. Francisco de Sales visitava os mais rudes e escabrosos lugares da sua diocese; severo com os grandes, inundava de cordialidade os pequenos. Ganhou foros de lenda a sua extrema caridade, como a de Frei Bartolomeu. A favor dos pobres vendia baixela e guarda-roupas. E, apesar de tudo, os maldizentes caluniavam-no, a pontos de o apontarem como espião e darem torpe sentido à fundação do seu convento *de la Visitation*.

O próprio santo então exclama que sentira ferver a cólera no seu cérebro como a água ao lume.

Estes e tantos outros exemplos estão aí, fortemente vivos, a iluminarem o fenómeno da personalidade de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, desse pleno servidor e amante de mendigos, miseráveis

(1) In *Histoire Illustrée des Saints*. Préf. de Daniel Rops. Colectânea «têtes et Saisons», mars, 1951. N.º 59. Pág. 18.

e desventurados, tanto quanto era corrector severo e áspero de ricos e poderosos pecadores, a começar por si; desse que recomendava o hábito de estame-nha, comia em loiça de barro de Talavera e bebia por copos de estanho, quando não eram de pau seus pratos, nas andanças de suas peregrinações.

Esse que exigia ao próprio Papa e aos conciliários de Trento a maior dignidade e harmonia para a sua arquidiocese bracarense; esse que proibia que os juizes da alçada do Rei entrassem no seu arcebis-pado, mandando dizer ao monarca que, se assim o não quisesse, tirasse de Braga quem lhe fechava as portas e lhe tirasse a mitra para a dar a outro, que melhor a merecesse; esse que tão decididamente proclama as suas prerrogativas, o mesmo que pro-clamava o seu Paço como Casa dos Pobres, pois lhes pertencia o seu recheio, deles era o pão da mesa, pelo que, dizia, só ele Arcebispo comia o alheio!

Esse o que se exasperava contra as cerimonia-sas, morosas e inúteis visitas de notáveis de Braga, quando tinha de recebê-los no Paço, a ponto de certa vez arremessar o barrete ao chão, impaciente e encolerizado; mas que solícito e choroso visitava nos catres miasmáticos os perigosos doentes da peste de 1570.

Esse que, dorido do peso do cargo e das injustiças dos homens, chorava amargamente o da grillheta ou algema que lhe haviam chumbado aos pés — *braga* significa isso mesmo; mas que outra vez, após 3 anos de ausência em Itália, de joelhos sobre o pó do caminho, já em terra portuguesa, ao regressar do Con-cílio de Trento, rendendo graças a Deus, os olhos no céu, assim falava a essa mesma *braga* Braga, no tom do *Cântico dos Cânticos*, como conta Frei Luís de Sousa (II, 49):

«Deus te salve, formosa minha, ó minha pomba, minha imaculada, minha amiga e minha irmã, estende-me a tua face, soe a tua voz aos meus ouvidos. *Vox enim tua dulcis et facies tua decora.* (49, 2.º)».

Esse indomável corrector de vícios a quem alguns seus maus diocesanos vituperam em grita e chamam *hereje luterano*, como *espião* tinham chamado os franceses a S. Francisco de Sales; é o mesmo que na maior humildade e de joelhos reza pelos injuriantes, dizendo aos que o defendiam como virtuosíssimo prelado que era:

uns e outros mentem porque pela graça de Deus não sou Luterano, e por minha grande culpa não sou virtuoso e muito menos santo.

Esse que negava à Rainha de Portugal, sua protectora e amiga, a oferta das primeiras lampreias aparecidas nas nossas águas (o que era tradição no nosso país), clamando que se dessem aos pobres, mais o preço da sua recovagem para Lisboa; esse era o mesmo que lançava por uma corda, da janela do seu quarto, a uma pobrezinha esfarrapada e gelada de frio, a própria roupa da cama que o administrador do Paço acabara de mandar fazer-lhe.

Esse que não se hospedava em palácios ou aceitava coches que lhe ofertavam, mas subia aos distantes e rústicos montados de Barroso, cavalgando a sua mula, para ensinar aos pobres cabaneiros o catecismo cristão; esse que em Roma dispensava o agasalho do Embaixador de Portugal, mas aceitara com alegria incontida o caldo e a boroa de uma miserável velhinha, no seu tugúrio da serra onde tinha parado em visita pastoral; esse que no Concílio de Trento exigia que os Bispos não estivessem de pé e de cabeça descoberta enquanto os cardiais permanecessem sentados; esse que negava ao Rei, decididamente, o tratamento de Majestade, dando-lhe apenas o de Alteza, por considerar que aquele só se devia a Deus!

*

A Ciência que estuda a natureza humana elucida e informa copiosamente — porém nem sempre provavelmente, a ambivalência desses complexos seres pri-

vilegiados, tais, um S. Paulo, um S. Francisco de Sales, ou um Bartolomeu dos Mártires, oscilantes entre a rudeza e a doçura, entre a frieza e o extremo amor, entre a alegria e a tristeza, a violência e a cândura.

No fenómeno vital de D. Frei Bartolomeu certo decisivo facto internacional haveria de dar-lhe novas expressões e novos impulsos, tão extraordinário que bem podemos supor que por ele e dele surgiu como que a segunda grande vida do insigne Prelado: trata-se do Concílio de Trento, de fundamental importância na reforma da Igreja, como reacção à revolta luterana que havia começado por 1519.

Sagrado Arcebispo de Braga em 1558, ingresso na arquidiocese bracarense em 1559, D. Frei Bartolomeu já participa no Concílio três anos depois. Havia 34 que entrara para a Ordem dominicana, com 14 de idade e durante 20 o ilustre frade foi mestre de Lógica e Teologia e, sobretudo, mestre de virtudes. Tantas, que o inesquecível místico Frei Luís de Granada o aponta à Rainha D. Catarina para Prelado de Braga.

O que foi a forçada ascensão do humilde freire dominicano a este cargo todos o sabem e ele sempre o confessou, negando qualidades, sublinhando defeitos. De rastos, como diz a crónica, é que D. Frei Bartolomeu subiu os para si pavorosos degraus do sólio bracarense, D. Frei Bartolomeu a quem Luís de Sousa chama cidade forte, coluna de aço e muro de bronze.

Como poderia este rústico e asceta, homem de cela e estudo, em contínuos arroubamentos com Deus, afeiçoar sua virtude e seu temperamento ao marulhar do seu novo perimundo social bracarense, iscado de culpas, manchado de pecados, delinquente de desvairados crimes, da ignorância catequística à maledicência indómita, esvurmando calúnia ou desfiando insultos; do desregramento de costumes ao desamor a pobres, à incultura de espírito e coração?

Os dois Bartolomeus de D. Frei Bartolomeu eram os dois Arcebispos precisos agora num só Arcebispo de Braga. E em perfeita obediência à regra da Ordem e só por ela, o frade de Benfica aceitou resignado o encargo.

Assim começa os seus trabalhos, nesse ano de 1559, o extraordinário catequista destas terras,

sonora e rija trombeta do Evangelho nos montados e penedias do Barroso.

Sua Verdade e sua Vontade não destremavam os grandes dos pequenos, os poderosos dos humildes. No trato com a Sociedade, sua aspereza ficou na crónica. Lá diz ela:

« Vinham cartas del-Rei e dos príncipes, rogos de senhores e validos, nada o levava. Avisavam-no os amigos que era havido por desumano e contumaz, e pouco cortês em querer usar em todos o mesmo rigor; aconselhavam-no que ao menos com os grandes se mostrasse mais tratável. Cerrava as orelhas e despedia a todos com uma só resposta: que quem não queria razão, não merecia favor. »

Era o próprio Arcebispo quem recomendava ao seu Frei João de Leiria, administrador do Paço:

« em toda cousa que tocar em parente ou amigo haja grande medo de si mesmo, porque nossa carne é raposa refalsada; e muitas vezes nos quer meter em cabeça que tal cousa será serviço de Deus, como quer que não seja se não inclinação da própria natureza carnal. »

Vedes como nestas linhas de uma carta sua está muito dos argumentos para a explicação do dinamismo temperamental do Arcebispo « esquivo e seco », « presuntuoso, altivo e atrevido », como lhe chamaram certos contemporâneos.

Nossa carne é raposa refalsada, disse com profundo saber psicológico, notoriamente introspectivo, o Venerável Arcebispo, como que a referir-se a esse outro *Eu* que dentro de nós mesmos se oculta, repleto de manhas, inchado de embustes, prenhe de malícias; desse outro *Eu* a que o famoso Segimundo Freud chama o *Outro*, o *Id*, senhor feudal de nosso inconsciente, bem servido de vassallos capazes de tudo, os instintos, as tendências, as pulsões.

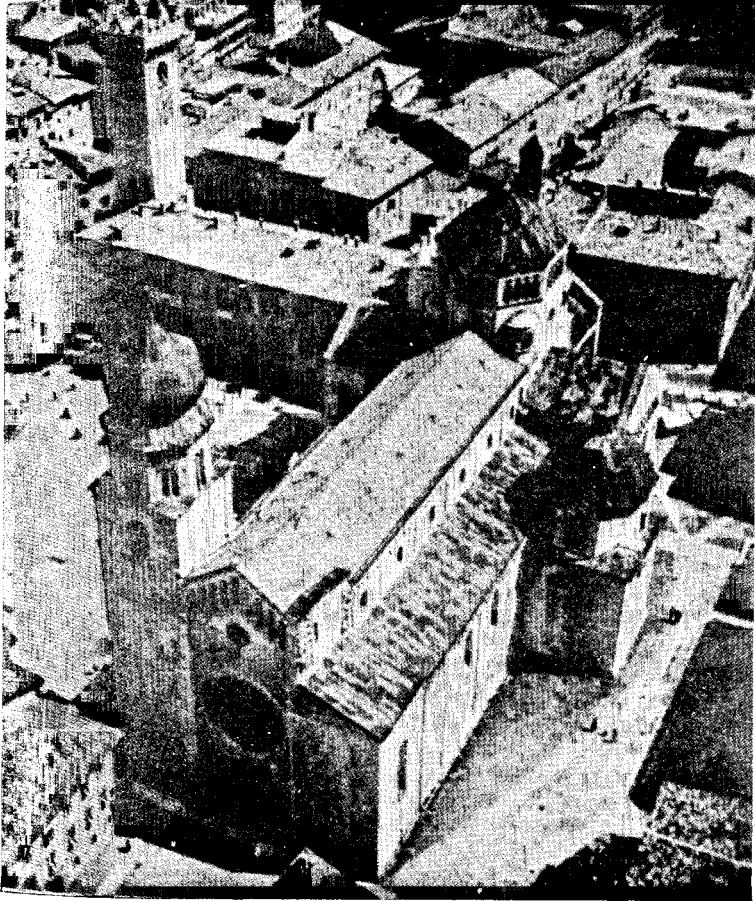


Fig. 4 — *Um aspecto da cidade de Trento*
(extr. de *Ecclesia*, n.º 72, Paris, 1955)

*

Mas, retomemos o fio.

Em 1562, aos 3 anos de governo do arcebispado, D. Frei Bartolomeu parte para Itália como participante do Sacro Concílio de Trento, onde é o primeiro a aportar e onde será sempre dos primeiros no trabalho e no conselho.

Já lá havia chegado a onda sonora de sua fama virtuosa, da sua santidade. Conhecem-lhe a austeridade da vida e o tom singular de seu apostolismo o Santo Padre Pio IV e S. Carlos Borroméu, ambos luzes da Igreja, mentores insignes da frutuosa e santa reacção romana aos investimentos revolucionários do Protestantismo.

Aquele virtuoso Papa e o santo Cardeal cumulam-no de honras e distinções, que enjeita, recolhido sempre à modéstia da sua vida. Só não repudia a amizade que lhe devotam e ele retribui amplamente, sem se reservar de falar-lhes com agudeza e franqueza dos desmandos da Igreja e da sua remodelação prementíssima.

Dê-se como aceitável (há razões para o crermos) o ter o Venerável sugerido que a reforma deveria começar pelos Cardeais. E, na verdade, já começara: os cardeais Medichino (depois Papa Pio IV) e Borroméu são dos primeiros exemplos dessa restauração espiritual. Daniel-Rops não enjeita o facto, antes o regista como verídico no seu livro *L'Église de la Renaissance et de la Réforme*, saído este ano, em Paris, onde não esquece o bom Arcebispo como figura proeminente no Concílio de Trento e na reforma católica da Igreja. Eis as palavras com que traduz o celebrado dito de D. Frei Bartolomeu: «M'est avis que leurs Illustrissimes Seigneuries ont grand besoin d'un illustrissime reforme» (pág. 128).

Em Roma, por toda a parte, à ida e à volta para Trento, o novo Arcebispo é o frade humilde e austero em modos, no seu transporte e instalação por celas de mosteiros; seu séquito o mais pobre e reduzido de todos os séquitos dos conciliários.

Ouviu lições em Trento, sem dúvida e, essas muito poliram e esclareceram seu engenho apostó-

lico; mas ali deu e disse também muitas lições, na defesa da Fé pura, na defesa das prerrogativas da Igreja, na defesa da dignidade prelatícia. Jámais deixou, lá, como em Portugal, de zelar a primazia da sua arquidiocese bracarense, ameaçando com não voltar aos trabalhos do Concílio se lha não reconhecessem, contra a pretensão de Toledo!

Ouviu e deu lições. Deixou-as em Trento e trouxe-as para Portugal. E justo é dizer-se como são expressivas as identidades de rumo e anseios do Papa S. Pio V, de S. Carlos Borroméu e de D. Frei Bartolomeu dos Mártires: purificação da Fé, remodelação e redignificação do clero, exemplar caridade, protecção a estudos, preparação sacerdotal, modéstia e simplicidade, alheamento do mundo profano. Tudo isto impôs e defendeu o Bracarense, sempre com a regra tridentina na mão fiel e com a poderosa energia do seu exemplo.

Fique para outrem a análise e consideração deste capítulo da vida do Arcebispo, quanto a influências recíprocas de métodos e sistemas apostólicos dessas três insignes figuras quinhentistas, iluminadas pelo farol do concílio de Trento.

Mas, seja-me relevada a compulsiva vontade de traçar em rápidas linhas o paralelo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires e S. Carlos Borroméu, tantos e impressionantes são as suas convergentes empresas e similares as suas vivências apostólicas.

Quando se conhecem, em Roma, conta o Arcebispo 48 anos e o Cardeal S. Carlos 24, metade da sua idade, Cardeal já poderoso em saber e virtude, que seria o verdadeiro governador espiritual do mundo romano eclesiástico, sob o olhar jubiloso de seu tio materno, o Pontífice reinante. A ambos tocou, desde mocinhos, a graça da vocação religiosa, que ambos nobilitariam até à santidade.

S. Carlos, aos 22 anos, é Arcebispo de Milão e Cardeal, como aos 12 era Prior de certas instituições romanas. Aos 14 anos Frei Bartolomeu entra na Ordem de S. Domingos e com 18, já professo, defende brilhantemente conclusões de Lógica no Concílio de Guimarães.



Fig. 5 — *S. Carlos Borroméu*
(extr. de *Ecclesia*, n.º 72, Paris, 1955)

S. Carlos abre no Vaticano uma Academia famosa, tal como o Arcebispo há-de criar estudos em Braga, o Colégio de S. Paulo para a Companhia de Jesus, com sua dotação de 200 mil réis e cadeiras de Gramática, Retórica e Filosofia, pelo que é pioneiro e precursor, este Instituto, da já muito insigne Faculdade Pontifícia de Filosofia bracarense.

S. Carlos funda o mais velho seminário sacerdotal em terras italianas, como recomendara o Concílio de Trento; em Braga, o não menos solícito Prelado deita os fundamentos do primeiro seminário português, o primeiro das Espanhas, senão o primeiro do Mundo, como aventa mons. José de Castro, no seu *Portugal no Concílio de Trento* (VI, 1946, pág. 9).

S. Carlos, em Milão, reúne 6 concílios provinciais e 11 sínodos diocesanos; em Braga, Frei Bartolomeu, na modéstia de suas forças e posses, congregou um diocesano e outro provincial, de excelentes resultados.

A casa milanesa de S. Carlos não se distinguia de uma comunidade religiosa, tal a do Paço Episcopal bracarense do Venerável.

Em Braga, Frei Bartolomeu despoja-se de tudo o que tocava a luxo, conforto ou comodidade, reduzida a cama a um catre de pau, mais curto que ele, em que a roupa era de um pobre de pedir, remendada às vezes por sua mão, como a que vestia. Em Milão, de tudo se desfaz, ou cede à Igreja, S. Carlos, joias, pratas, guarda-roupa, até a cama, que substituiu por uma de madeira.

S. Carlos queima-se e edifica-se na oração, no jejum, na mortificação, na ascese, na escrita de suas obras, tal o seu amigo Arcebispo de Braga.

Na Caridade, competem ambos abundantemente. Ao toque da peste de 1570, que feriu rijamente Braga e seu termo, o Santo Arcebispo foi esmoler, foi enfermeiro, foi médico, foi criado, acudindo aos empestados com os socorros da Medicina e os da Igreja; em Milão, S. Carlos opera da mesma sorte, 6 anos depois, num exemplo notável de ardoroso amparo aos pestíferos, por quem organiza procissões rogatórias e penitenciais, em que vai descalço, de corda ao pescoço e cabeça descoberta, a rezar por todos.

S. Carlos, funda conventos e hospitais, acode com a nova sua Ordem dos Oblatos ao ensino de escolas e seminários; Frei Bartolomeu funda também Hospital e Convento, contribui para a ilustração do Clero e dos habitantes de Braga com cursos e aulas várias.

Aqui, na vossa Bracara, foi o Arcebispo grande esmoler-mor de órfãos, de doentes, de infelizes, com quem reparte roupas e a sua mesa, já de si frugalíssima; assim em Milão S. Carlos, inexgotavelmente caridoso em muita obra social.

Em Milão, S. Carlos regenera e recompõe o clero, ora desavindo, ora inquieto e rebelde, com austeridade inflexível, tanto que um monge de certa ordem o haveria de ferir um dia a tiro, enquanto o Santo Cardeal rezava, de joelhos. Também em Braga não faltaram ofensas a D. Frei Bartolomeu, senão tão graves como aquela, ao menos tão expressivas e condenáveis, por parte dos que ele alvejava com suas censuras e cominações, leigos ou homens da Igreja.

Em Itália, S. Carlos, desprezando glórias de Roma e a vida do Palácio Pontifical, roga que o deixem regressar à sua diocese de Milão, de onde clamam por ele as exigências de singular Apostolado; e S. Carlos volta ao berço da sua carreira religiosa.

Assim em Portugal o Venerável muitas vezes pede renúncia do cargo para regressar à cela do convento, onde o aguardava o calor primitivo da sua vocação monacal. E a ela tornou já Arcebispo resignatário, à cela desejada para a encher de santidade e aí morrer, seis anos depois de passar deste mundo S. Carlos Borroméu, nessa infausta segunda-feira, 16 de Julho do ano de 1590.

Em dois pontos salientes divergem o Cardeal de Milão e o Arcebispo de Braga. É um deles a qualidade do nascimento: — S. Carlos, fidalgo; burguês, o Arcebispo. Outro ponto desigual no cotejo: ao Cardeal milanês ergueu a Itália, um dia, monumental estátua de 25 metros de altura, no Arona, sua terra natal, sendo também para registar-se que, entre outras imagens do Santo, uma existe no vestíbulo lateral do nosso convento de Mafra. Mas do Vene-

rável Arcebispo de Braga eu não conheço ainda estátua que possa comparar-se com essas do seu amigo de Milão!

*

* *

Pudémos assim expor, embora de modo sumário, uma parte da vida essencialmente espiritual de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, essa como que marca do Céu na sua existência vocacional e mística; ponto e tempo é já de dizermos o primacial quanto ao selo da Terra no seu apostolado social. Assim se completa o que há de Terra e de Céu na vida do insigníssimo Arcebispo, desse que foi, como reza o seu epítáfio, «Adão três vezes grande», pai dos pobres, «amador da pureza, mártir em desejos, em profissão de letras doutor e mestre, sal da terra, tocha acesa e cheia de luz, raro espelho e treslado de verdadeiros bispos».

Por ser Pai dos Pobres, vimo-lo arguto e aquilino pioneiro da Assistência ou Socorro Social. Procurador e governador do património dos pobres, assim ele se considerava e a tudo o que possuía e havia dentro do seu Paço e da sua Igreja.

É o cronista Frei Luís de Sousa quem no diz:

«trazia sempre na boca, que de sua casa e de quanto nela havia, os verdadeiros e naturais senhores eram os pobres e ele só nela o estrangeiro. Que eles comiam o que de razão e justiça era seu e ele só comia o alheio».

Do pão e do vinho de sua mesa repartia sempre, inalteravelmente, com os pobres; da sua mesa e da de quem o convidasse, sem qualquer resguardo. E quando em tal reparavam, D. Frei Bartolomeu respondia que mais meritória é a esmola, não quando sobeja, mas quando o dador a tira da própria boca. E pouco poderia tirar o caridoso Prelado da sua mesa, onde não havia loiças ou talheres de prata, senão de ferro estes e aquela de barro ou de pau. Pobreza

que compeliu um dia a pedir-se emprestada uma colher das de doce para dar certo remédio ao Arcebispo enfermo.

Quando Frei Bartolomeu se instalou no Paço de Braga logo dispensou serventes que julgara inúteis, tais aqueles que à mesa cortavam e preparavam as comidas e se chamavam *trinchantes*. Ora como acontecesse que almejava um desses cargos certo desocupado pretendente, o Arcebispo respondeu-lhe que havia trazido consigo tais servidores, o que espantou o peticionário, por bem conhecer a pobreza do Paço de D. Frei Bartolomeu. Então o Prelado, arregaçando os lábios e mostrando-lhe duas boas fiadas de sólidos dentes, disse-lhe, como conta D. Frei Luís de Sousa:

enquanto estes trinchantes durarem, não preciso de outros (I, 83).

Contam as crónicas que os próprios xaropes e tisanas que os médicos lhe mandavam tomar ele as distribuía pelos doentes pobres. Contudo, não faltou boca mordaz e cruel que não ferrasse em tanta caridade do Arcebispo, a quem até censuravam por não favorecer seus próprios parentes pobres.

A uns, respondia, no dizer de Frei Luís de Sousa:

«Se me mostrassem que o poupo para fazer tesouro ou que o forro para acrescentar estado e pompa; se me disserem que edifico quintas para recreação, que alongo aposentos, que me despendo em dourados e pinturas, que alevanto criados, que enriqueço parentes em tal caso confessarei que sobeja razão a quem me culpar» (II, 173 ob. cit.).

A outros, replicava:

«Se meus parentes se queixam que lhes dou pouco, lembrem-se que nasceram pobres e que assaz faço em os sustentar, igualando-os com os pobres do arcebispado, aos quais devo mais por ser prelado e pastor, que a eles por seu parente e amigo». (Id. 174).

Instituiu o Arcebispo especial sistema de esmolas e socorros, devidamente fiscalizado e arrumado. Sagaz precursor do Socorro Social de nossos dias, eis o Prelado a organizar metódicamente o rol de todos os pobres da região, públicos e envergonhados, a modos do moderno Inquérito assistencial, a manter sempre bem provido o armazém de panos e gêneros do Paço, mais o celeiro do pão, para que não faltasse aos necessitados; em pagar-lhes aluguéis de casas, em fornecer vestido e chales às mulheres, em preparar roupas para as criancinhas de diversa idade, que ele mesmo lhes vestia; e tantas outras tarefas de bem-fazer.

Como se não bastara tal e tanto, funda o Hospital Geral na cidade, que toma à sua conta, com enfermarias para mulheres e homens, abastadas de todo o necessário para cura dos pobres.

Todavia, certos desassizados e secos de coração julgavam mal do Arcebispo, como regista Sousa:

«à parcimónia chamavam escaceza; à ordem e registo e moderação do gasto, mera miséria; ao trabalho continuo e santo, vileza e desautoridade; à humildade, baixeza e ânimo apoucado».

Assim são as sombras que as luzes fazem neste mundo!

Ao tempo da peste de 1570 é médico D. Frei Bartolomeu, é enfermeiro, cura de almas dos infeccionados, com grave risco da vida, tal como o fizera em Évora o Arcebispo D. Teodósio de Bragança, que empenhara bens e alfaias para socorrer os feridos da pestinência.

D. Bartolomeu funda então um Hospital de emergência no lugar da Defesa Nova, com médico, cirurgião, barbeiro, serventes de vária espécie, sem que nada escasseasse aos seus pobres enfermos. Providenciou sanitariamente, estabelecendo um cabeça de saúde, isolando os pestosos, depurando as casas, e tantas outras diligências oportunas e louváveis.

E tão ocupado na tarefa andava sempre, que nem lograva hora para que lhe cortassem o cabelo. Por isso respondeu a um dos censores :

«quando a esposa padece, agravo lhe faríamos se me não esquecesse de mim. Deixa-ma ver sã e logo me vereis enfeitado». (189, II, Sousa).

Mais é de notar-se que andando fora de Braga o Arcebispo, ao tempo que a peste invadiu a cidade, imediatamente deixou a visitação que fazia e regressou ao seu posto, o que é sabido dos assustados Rei e Cardeal D. Henrique, que o mandam sair de Braga. Escusado será dizer que D. Bartolomeu ficou entre os pestosos!

É verosímil que se deva ao esmero sanitário e assistencial do Arcebispo o ter sido menos agressiva que em outras partes do Reino a epidemia de 1569-1570, ou peste grande, que só em Lisboa matou mais de 60.000 pessoas, o dobro da população actual desta cidade de Braga.

É muito curiosa a carta com que o Arcebispo responde à do Rei D. Sebastião, dando conta do que se passava em Braga, em que o número de pestosos decrescera: apenas 20 crianças, 11 mulheres e 3 homens, além de 14 hospitalizados e 28 convalescentes. Comenta D. Frei Bartolomeu:

«Porque não faltam abades que me escrevem e prometem que por meu exemplo inda que a peste venha a suas freguesias as não desampararão, antes esperarão a pé quedo e se deixarão morrer entre seus fregueses». (193, II, Sousa)

Entretanto, as dignidades da Sé haviam abandonado a cidade, com a maioria dos Cónegos. E diz o Arcebispo a D. Sebastião:

«estes que ficaram que fazem o officio divino arreceio que se me virem sair, todos se ausentem, e fique a Sé sem haver quem a sirva». (193, II, Sousa).

Aqui posso enxertar uma nota curiosa para a história da Epidemiologia em Portugal. Como se sabe, foi o Prof. Ricardo Jorge quem, em 1899, no Porto, diagnosticou uma enigmática doença como peste, facto científico de especial relevo, mas que lhe valeu tão acérrima animosidade dos seus concidadãos que se viu forçado a abandonar a terra natal, transferindo-se para Lisboa, onde para sempre ficou.

Pois em Braga aconteceu precisamente o mesmo, nesse ano de 1570, como conta o Arcebispo na dita carta:

«No princípio de Fevereiro faleceram algumas pessoas sem se saber de quê, e, posto que nesta terra era cousa não ouvida, nem conhecida, este mal, todavia não faltariam alguns receios e conjecturas de ser peste. Mas quando aos 10 do mesmo mês o doutor Lourenço Vieira, cristão velho, bom fisico, letrado e experimentado, se resolveu e declarou que alguns doentes que havia eram feridos do mal, foi cousa espantosa o alvoroço e desacordo que houve nesta cidade, aquele dia e o seguinte.

Súbitamente se saíram as duas partes dos moradores, como que fugiram de morte certa e os que ficaram tudo foi gente pobre e alguns, mui poucos, do governo».

Em Braga, porém, não foi perseguido e escoraçado o ilustre médico que diagnosticara a peste. Esse, o Dr. Lourenço Vieira lá ficou e lá morreu no dia que Deus lhe marcaria. Ricardo Jorge foi menos afortunado 329 anos depois!

Da grande fome e esterilidade do Norte de Portugal, em 1574-1575, ficou também memória generosa do Arcebispo de Braga, pois então foi amparo de todos os famintos e miseráveis que acorriam aqui de toda a parte, contáveis mais de 3.000 à sua porta, certa vez. Era ver-lhe o páteo cogulado de pedintes, seus padres e familiares a servi-los, tudo muito em ordem, por tarefas bem repartidas. E o Santo, na janela, em seu officio de vigia, como conta Frei Luís

de Sousa. Entretanto, para tudo isso, empenhava e vendia bens, a todo o preço e juro, não faltasse o pão aos seus milhares de pobres...

Quanto às obras culturais e sociais de D. Frei Bartolomeu avultam curiosas empresas de instrução e dignificação de sacerdotes e estudantes eclesiásticos, nas formas que merecem lembrança esta noite.

Do Barroso, onde cristãos viviam pouco melhor que bichos do mato, trouxe o Venerável pregador alguns «moços de bom geito», para lhes «adoçar aquele natural montezinho e sáfaro», educando-os e instruindo-os para depois serem curas e mestres de seus contrerrâneos, quando voltassem à serra. Para Braga assim vieram muitos, que recolheu em casa, calçando-os e vestindo-os, dirigidos e instruídos por um velho sacerdote, muito sisudo e virtuoso. Os meninos barrosãos comiam em refeitório comum, tudo à custa do Arcebispo, que assim os ordenou e colocou em várias freguesias da sua jurisdição.

Muito amou ele esta obra, pois lhe não saíam do cuidado «estes seus encomendados, filhos dos penedos de Barroso», hóspedes de sua casa, como diz o cronista. Eram «um enxame de moçoziños bem vestidos e feitos estudantes e não desairosos, já com jeito e cores de corte».

Isso muito o alegrava, vendo a *boa pranta* que «tinha junta para passar ao seminário, logo que estivesse seco das obras e em termos de ser habitado». Assim parece ter nascido na arquidiocese bracarense, por amor de D. Frei Bartolomeu, a primeira grande obra seminarista de preparação sacerdotal.

Obra que não representa apenas um desígnio apostólico já de si muito louvável, mas tarefa meritória nos fastos da instrução pública no nosso país, ontem, como hoje.

O Seminário conciliar, que assim fundara e povoou, é sua gloriosa providência, logo que regressou do Concílio de Trento, sabe Deus à custa de quantas incompreensões e de quanta hostilidade, vencidas por sua vontade firme, ele que era cidade forte, coluna de aço, muro de bronze (231, II, Sousa).

Da renda das Igrejas para a obra se reservavam dois por cento; mas da sua mesa arcebispal passou o seu fundador a dar trezentos cruzados. Daí que, sem escassear dinheiro, nem vontade, já dentro de seis meses havia aposento para sessenta colegiais.

E fique bem notado, a acreditar nos cronistas, que partiu dele, no Concílio de Trento, a ideia da instituição dos Seminários e sua consignação em decreto do mesmo.

Destriçam agora os historiadores as incoerências cronológicas que porventura possam haver a respeito da prioridade desta fundação bracarense. Baste para a glorificar a sua própria realidade!

Eram o Hospital dos Pobres e o Seminário criações de seu apostolado que muito encarecia, visitava e amparava.

*

Não menos benemérita empresa foi a do Arcebispo em organizar cantinas e residências em boas casas da cidade para os sacerdotes que a ela viessem tratar de seus assuntos eclesiásticos, verdadeiros *lares* onde poderiam recolher-se e receber cama e alimento, com limite de dias e outras regras muito apropriadas a tais hospedarias. Chamava o Arcebispo a estas residências «hospitais de sãos», designação muito expressiva do carinho prudente que nelas pusera, a fim de evitar perigos, incomodidades e explorações gananciosas das estalagens e casas de pasto.

De par, instituiu dentro deste próprio Paço outros «lares» não menos solícitos em que agasalhava certa espécie de eclesiásticos, tais os abades, curas, reitores e demais prebendados; ou seus antigos servidores e religiosos de várias ordens. Temos para nós que estas residências foram das obras mais caridosas e carinhosas do Santo Arcebispo na sua sede bracarense.

É digna de apreço e, portanto, de lembrança, a estranha, mas significativa sugestão de D. Frei Bar-

tolomeu quanto a instruírem-se os futuros sacerdotes em mesteres manuais :

«serem destros em algum ofício manual que não fosse vil e sórdido, para que, quando se oferecesse ocasião de grande necessidade, pudessem ganhar de comer, sem andarem com ignominia pedindo esmola de porta em porta» (107, I, Sousa).

Assim combateriam ociosidades viciosas, quando se não dessem às letras ou exercícios espirituais de contemplação e oração. O propósito do Venerável parece não ter passado da sua imaginação, embora aquelas fossem práticas antigas de muitos conventos e estabelecimentos religiosos.

Neste seu próprio Paço instituiu o Arcebispo aulas de casos de Consciência, em duas cátedras, com subsistência gratuita para os estudantes que a elas acorriam de várias partes, vigiados por um apontador, que também daria conta de como viviam publicamente. Com eles gastava 200 mil rs. por ano, cabendo a cada aluno a bolsa de estudo de 5 a 7 tostões mensais, «que para aquela terra e tempo era bastante sustentação».

Mas não só a esses socorria e incitava a estudo, mas também aos que quisessem assistir a esses cursos do Paço e fossem filhos de cidadãos pobres de Braga e para os quais não faltava com ração e vestido.

Não pode esquecer a gente deste Burgo a que a tal respeito conta o Cronista :

«obrigava a estudar os filhos dos homens pobres e honrados da cidade de Braga, para depois lhes sustentar as casas com mais abundância; porque enquanto eram moços assinava-lhes ração de comida e vestido; e quando maiores, se continuavam o estudo e davam boa conta de si em vida e costumes, provia-os nos benefícios de sua apresentação, com que ficavam ricos e remedeados pais e filhos e toda a família».

E como se não bastasse tudo isso, determinou D. Frei Bartolomeu que viessem às aulas todos os curas assistentes de momento na cidade, onde acudiam para seus negócios, a fim de que «bem refrescassem a memória nas matérias», os que as tinham estudado; e os que estavam fracos nelas «se aproveitassem e adiantassem».

Nada mais, nada menos, do que institutos pioneiros dos actuais *curso de aperfeiçoamento* e outros, dentro e fora da jurisdição diocesana.

E para completar a obra destas aulas, mandou o Arcebispo que se traduzisse, comentasse e distribuisse a *Suna dos Casos* do Cardial Caetano por todo o Arcebisado.

Mas a tarefa cultural bracarense não a considerou ele completa. Frei Luís de Sousa (I, 116) escreve que ele trazia o pensamento

«de fundar uma Universidade naquela cidade (pensamento e obra real)»,

visto que era custosa a frequência das estrangeiras pelos nossos estudantes. Com esse intuito, criou na sua cidade o Colégio da Companhia de Jesus, com rendas até 200 mil reis, e anexações de certas igrejas que pudessem manter contínuas aulas de Gramática, Retórica e Artes. A nova Academia de Braga abriu em 1561 e teve como seu primeiro Reitor o Padre Inácio de Azevedo, à frente de 12 religiosos da sua Companhia, veneranda antepassada e pioneira da vossa Faculdade de Filosofia, escola distintamente universitária e gratamente portuguesa.

P.^o Inácio de Azevedo foi, como se sabe, um dos quarenta Jesuítas martirizados no mar pelos calvinistas, ao tempo de aproarem às missões do Brasil, no ano de 1570, nove depois da abertura do seu Colégio bracarense. Pelo martírio sofrido, foram beatificados há um século esses valorosos soldados da Fé, alguns deles portuenses, como aquele seu primeiro Reitor.

Assim luziu e se queimou em obras da Terra e do Ceu aquele que escolhera para si a divisa *ardere*

et lucere, arder e alumiar, impetuoso reformador e invocador nos campos da Ciência e da Virtude.

Assim se sublimou herôicamente aquela rude personalidade que a si própria ordenava, nos momentos de tentação e desânimo: *surge bestia*, levanta-te, besta; ergue-te, animal, tradução daquelas duas letras S. B. pintadas em retábulo que o Arcebispo manteve até morrer à cabeceira do seu catre!

Assim ascendeu ao trono da Santidade, pela mortificação, pelo ascetismo e pela renúncia, aquela corporeidade tanta vez violenta e insubmissa do insigne dominicano.

Assim do terreno Bartolomeu Correia Fernandes, natural do Arcebispado de Lisboa havia de nascer o Venerável Frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo Primaz de Braga.

*

Quando o Santo cobra notícia, aos 68 anos, de que lhe fora concedida a renúncia do Arcebispado, que tanto rogara, assim falou perante amigos e familiares em carinhoso e reconhecido adeus à Braga de que fora Senhor, o que veneradamente invoco:

«Ficai-vos muito nas boas horas, minha muito amada, primeira e derradeira esposa, Igreja bracarense, honra das Espanhas, cabeça e primaz delas, fundada pelo grande filho do trovão Santiago, muito amada e querida de mim, mas servida com infinitas imperfeições. Ficai-vos embora, minha formosa Igreja, meus primeiros e últimos amores, a que eu não correspondi, como era obrigado, posto que muito o desejei; e, enquanto pude, o procurei. Perdoai-me se me aparto de vós com alegria e júbilos de alma, que como sempre me houve por indigno de ocupar uma cadeira em que tantos e tantos grandes santos se assentaram, é razão que aceite com gosto ver-me livre da grande vergonha e pavor em que sempre vivi olhando para sua santidade e para meus grandes pecados».

«E pois que me sofrestes tanto tempo, tal qual sou, não poderei deixar de vos querer sempre muito e encomendar-vos muito a Deus. Enquanto nestes membros velhos e cansados durar espírito de vida, sempre em minhas orações e sacrifícios pedirei ao Senhor que nas necessidades vos acuda com socorro e nos bens espirituais com grande aumento» (II, 295, Sousa).

*

O processo de canonização de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, falecido em 1590, no seu convento de Viana ⁽¹⁾, aguarda apenas, para concluir-se, a verificação de quatro milagres seus.

Tenho para mim que um deles se cumpriu já, nestes quatro séculos e meio corridos sobre a sua obra apostólica: — o milagre de se terem mantido ou renascido, com crescente dignidade e luzimento, as empresas basilares de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, materiais e espirituais:

- O *Seminário*, flor do seu coração
- A *Academia* de Estudos da Companhia de Jesus, menina dos seus olhos
- A Fé Cristã bracarense, que tanto aguçou e sublimou

e a energia deste burgo na defesa do Bem, da Virtude e da Justiça, mercê do evangelismo de seus sábios e venerandos sucessores Arcebispos e do poder inexgotável das singularíssimas virtudes do seu Povo!

(1) Assim conta Frei Luís de Sousa: «levantou o santo as mãos e olhos ao céu e sem fazer outro movimento de rosto, nem corpo, rendeu o espírito ao Criador, numa segunda-feira, 16 dias de Julho de 1590, entre as sete e as oito da tarde, em idade de setenta e seis anos e dous meses; tinha de hábito sessenta e dous anos não perfeitos, e havia trinta e dous que fora eleito arcebispo...». (III, 71-72, *ob., cit.*)

APÊNDICE

Em Dezembro de 1955 realizou-se no Palácio Foz, de Lisboa, sob os auspícios do *Secretariado Nacional da Informação*; por devotíssimo empenho e muita proficiência do Rev.º P.º dominicano Frei Raul Rolo, Superior do Convento de Fátima; e mercê da vontade e esforço da *Casa de Entre-Douro-e-Minho*, uma exposição biblio-iconográfica de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, para comemorar o IV Centenário do Nascimento de Frei Luís de Sousa.

Foi publicado num sumário catálogo, como edição do S. N. I., de onde constam valiosas notas para a Biografia do Venerável Arcebispo. Entre elas, as concernentes às obras que escreveu, de que reproduzimos o elenco abreviado que compôs o Rev.º Frei Raul Rolo:

OBRAS IMPRESSAS

- 1 — Catecismo ou Doutrina Cristã.
- 2 — Stimulus Pastorum.
- 3 — Compendium Spiritualis Doctrinae.
- 4 — Summa Conciliorum Omnium.
- 5 — Annotationes in Davidicos Psalmos.
- 6 — Collecta ex gestis in Concilio Tridentino.
- 7 — Petitiones quas in Concilio Tridentino facere intendebat.
- 8 — Itinerário de Braga a Trento.
- 9 — Varia statuenda ab allis Patribus proposita.
- 10 — Articuli Valentiae Sedis Vicarii nomine Sacri Concilii Tridentini Patribus oblati.
- 11 — Postulata Episcoporum Italiae in Concilio Tridentino.
- 12 — Petitio facta Legatis Concilii Tridentini ab Episcopis Hispaniarum & per Archiepiscopos Granatensem & Bracarensem eisdem presentata die 17 Augusti anni 1562.
- 13 — Summa articulorum ex parte Caesaris Magestatis Praesentatorum.
- 14 — Postulata a nonnullis Patribus circa varios abusos qui in Missa subintroducti sunt.
- 15 — Instruções apresentadas por Francisco Martins de Mascarenhas no Concílio.

OBRAS INÉDITAS

MANUSCRITOS CONHECIDOS:

- 16 — Annotationes in Iam. P. Divi Thomae.
- 17 — Annotationes in Iam-IIae Divi Thomae.
- 18 — Annotationes in IIam-IIae Divi Thomae.
- 19 — Scripta super IVum Sententiarum.
- 20 — Variæ Considerationes ad Praedicandum.

MANUSCRITOS CONSIDERADOS PERDIDOS:

- 21 — Annotationes in IIIam P. Divi Thomae.
- 22 — Tractatus de Trinitate.
- 23 — Tractatus de Superstitionibus.
- 24 — Tractatus de Potestate Papae (?).
- 25 — Tratado de práticas devotas para os Prelados quando dão Ordens.
- 27 — Annotationes in Hieremiam et alios Prophetas.
- 28 — Variæ Sententiae ad Sacrum Scripturam Pertinentes.
- 29 — Doctrina et Regulae mensae religiosae.
- 30 — Introductio ad veram sapientiam.
- 31 — Collationes Spirituales centum et quinquaginta.
- 32 — Considerações espirituais para resistir às tentações.
- 33 — Epitome Chronicorum Mundi.
- 34 — Epitome das vidas dos Sumos Pontífices.
- 35 — Compendium Historiarum Ecclesiasticarum.
- 36 — Compêndio Geral das Histórias de Espanha.
- 37 — Compêndio dos Reis de Aragão.
- 38 — Breve Relação dos Reis de Portugal.

O elenco das obras bartolomeanas que neste Catálogo se apresenta deve ser confrontado com o que nos revela Barbosa Machado na sua *Biblioteca Lusitana*, que assim fica ampliado e corrigido.

Agradeço muito penhoradamente ao Rev.º Frei Rolo a cedência de algumas fotografias que ornaram este nosso modesto ensaio.